

**40 anos dos Centros Integrados de Educação Pública: contribuições para a  
educação integral na contemporaneidade**

*40 years of Integrated Public Education Centers: contributions to the integral  
education in contemporary times*

Jaqueline Moll<sup>1</sup>  
Edna Alves Pereira da Silva<sup>2</sup>  
Ilda Renata da Silva Agliardi<sup>3</sup>

**Resumo:**

O Livro dos CIEPs escrito por Darcy Ribeiro, em 1986, para documentar esse feito expressivo na educação no estado do Rio de Janeiro, durante o governo de Leonel Brizola, é um documento histórico, necessário e atual. A educação brasileira avança dez passos e as mudanças de governo e (des)articulações políticas fazem com que ela retroceda trinta anos. Propostas de Educação integral, de dia letivo completo que deram certo, como os CIEPs, precisam ser recuperadas e estudadas para avançarmos e enfrentarmos os imensos desafios da escola pública brasileira. Neste breve trabalho propomos retomar aspectos das contribuições presentes no Livro dos CIEPs, para pensar a educação integral na contemporaneidade brasileira, à luz de suas ideias e ideais.

**Palavras-chave:** Educação integral; Darcy Ribeiro; CIEPs.

**Abstract:**

The CIEPs Book written by Darcy Ribeiro, in 1986, to document this significant achievement in education in the state of Rio de Janeiro, during the government of Leonel Brizola, is a historical, necessary and current document. Brazilian education advances ten steps and changes in government and political (dis)articulations make it go back thirty years. Proposals for comprehensive education, for a full school day that were successful, such as CIEPs, need to be recovered and studied in order to move forward and face the immense challenges of Brazilian public schools. In this brief work we propose to revisit aspects of the contributions present in the Book of CIEPs, to think about integral education in contemporary Brazil, in the light of its ideas and ideals.

**Keywords:** Integral education; Darcy Ribeiro; CIEPs.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Mestra em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI/FW. E-mail: jaquelinemoll@gmail.com

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Mestra em Ensino, Linguagem e Sociedade pela Universidade do Estado da Bahia. Professora da Rede Municipal de Educação de Malhada de Pedras-BA. E-mail: ednaapsilva10@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutoranda em Educação em Ciências pelo PPGEci/UFRGS. Mestra em Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Sul (UERGS). Professora da rede municipal de Capão da Canoa. E-mail: itrenata@hotmail.com.

## 1 Introdução

Neste ano de 2024 comemoramos quatro décadas dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs) no Brasil, especificamente no estado do Rio de Janeiro, considerando tanto sua realização material, quanto sua concepção alargada, generosa e expansiva de educação básica.

A rica convivência, certamente de muitas aprendizagens recíprocas, entre Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, constituiu o lastro pedagógico e político que pavimentou, a partir da experiência e dos ideais materializados por Anísio nas Escolas Parque, o caminho percorrido para concepção, construção, implantação e implementação dos CIEPs.

Assim como Anísio, Darcy demonstrou muita clareza acerca da situação da educação brasileira, denunciando o estado de calamidade de uma escola pública construída a partir da perspectiva da exclusão, realizada através do não acesso, da não permanência e das não aprendizagens das crianças e jovens, sobretudo provenientes das camadas populares da sociedade brasileira, em contextos de profunda desigualdade:

Nossa incapacidade de educar a população, como a de alimentá-la, se deve ao próprio caráter da sociedade nacional. Somos uma sociedade enferma de desigualdade, enferma de descaso por sua população. Assim é, porque aos olhos das nossas classes dominantes, antigas e modernas, o povo é o que há de mais reles. Seu destino e suas aspirações não lhes interessam, porque o povo, a gente comum, os trabalhadores, são tidos como uma mera força de trabalho, destinada a ser desgastada na produção (Ribeiro, 1986, p.15).

Partindo dessa compreensão e da perspectiva de que a educação compõe uma tarefa central na superação das desigualdades sociais, a proposta dos CIEPs significou uma contribuição efetiva para pensar e fazer a escola pública de qualidade, que poderia ter dado ao povo brasileiro, se tivesse sido universalizada, juntamente com as Escolas Parque e os Ginásios Vocacionais, as condições para a transformação efetiva da realidade grotesca, ainda vivida no país.

Neste breve trabalho propomos retomar aspectos das contribuições presentes no Livro dos CIEPs, publicado em 1986 e que documenta, pela escrita de Darcy Ribeiro, certamente com a colaboração de sua equipe, as bases da experiência grandiosa de educação integral, corporificada nos 500 CIEPs, construídos, sobretudo, nas regiões periféricas das cidades do estado do Rio de Janeiro.

Darcy Ribeiro via a educação como prioridade e compreendia a grandeza da tarefa do sistema de educação no Brasil e, também, suas fragilidades. As forças do atraso que impediram o próprio avanço dos CIEPs como proposta para a política de educação básica no RJ, e quiçá

no Brasil, seguem vivas, pois, ainda hoje, constatamos os mesmos (e outros) problemas que impedem os avanços necessários para que a educação pública cumpra seu papel no projeto de autonomização e elevação social da população brasileira.

Nesse sentido, as palavras de Darcy, escritas nos anos 80, são infelizmente e completamente atuais: “não fomos capazes, até hoje, de criar uma escola pública honesta, adaptada às necessidades da população brasileira” (Ribeiro, 1986, p. 13).

Demonstrando o edifício colonial existente na estrutura do nosso sistema educacional, Darcy aponta a clara distinção de classes sociais na organização escolar, uma vez que crianças oriundas de classes abastadas, além de mais tempo escolar, vivenciam atividades de outras áreas, como esportes, línguas, artes, tendo mais acesso ao capital cultural socialmente valorizado, construindo uma bagagem educativa que as coloca em posições superiores às crianças oriundas da pobreza. Afirmando que “precisamos começar a reconhecer e proclamar que temos uma escola primária não só seletiva, mas elitista” (Ribeiro, 1986, p. 14), Darcy propõe, através dos CIEPs, a ampliação para uma jornada escolar diária completa e um currículo escolar amplo, variado, articulado com campo da cultura e com os saberes da vida dos estudantes.

Enfim, os CIEPs foram gestados a partir da convergência das concepções de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro acerca da educação pública, como educação integral, laica, pública e universal, pensada com a ampla participação de estudantes e professores, em espaços aprazíveis, em tempo e possibilidades ampliadas e com processos permanentes de formação docente.

## **2 Contextualizando e compreendendo os CIEPs**

Quando Leonel de Moura Brizola foi eleito governador do Rio de Janeiro, sua prioridade foi a educação pública. Assim também havia sido quando governador do Rio Grande do Sul, no período anterior ao golpe civil-militar que o afastou do país. De modo corajoso e inovador, enfatizando o binômio “educação popular e desenvolvimento econômico”, entre 1959 e 1962, construiu 5902 escolas primárias, 278 escolas técnicas e 131 ginásios, colégios e escolas normais, por todo território gaúcho, criando 700 mil matrículas e contratando 42 mil professores (Ferreira, 2011, p. 287).

Portanto a consciência e a disposição para a obra da educação pública já acompanhavam Leonel, o gaúcho de Cruzinha, quando, no exílio, conheceu Darcy, o mineiro de Montes Claros,

cuja relação de confiança e parceria permitiu a liberdade necessária e imprescindível, para as ousadias que iriam caracterizar os CIEPs.

Sua construção, arquitetonicamente idealizada por Oscar Niemeyer, ícone da arquitetura brasileira, contou pedagogicamente com a escuta dos professores, por estarem no dia a dia das escolas, enfrentando os problemas e conhecendo a internalidade do sistema educacional.

Para isso desencadeou-se um movimento denominado ESCOLA VIVA – VIVA A ESCOLA, que sob o lema “Vamos passar a escola a limpo”, propôs a escuta ativa de 52 mil professores, culminando no “Encontro de Mendes”, cidade da região sul do estado do RJ.

Esse encontro também foi chamado de *anti-congresso*, pois não tinha o objetivo de que professores da educação básica fossem ouvir pessoas, alheias à escola, falarem sobre educação, mas foi construído a partir da escuta dos próprios professores/as sobre a realidade de suas escolas (Ribeiro, 1986, p. 31-32).

A partir desse movimento organizou-se um diagnóstico da situação da educação pública no estado do RJ, de modo complementemente avesso às práticas burocráticas e verticais que costumavam e, ainda, costumam originar planos e metas governamentais.

Considerando-se as críticas e sugestões, foram elaboradas teses com metas educacionais, que estruturaram o Programa Especial de Educação (PEE), fazimento expressivo do Governo Brizola. O PEE também produziu um vasto material de apoio para os CIEPs e para as demais escolas do Rio de Janeiro, com o objetivo de recuperar a escola pública “melhorando-a e colocando-a efetivamente ao alcance de todas as crianças e jovens do Estado” (Ribeiro, 1986, p. 35).

É importante destacar o lugar e a importância dos professores e das professoras no processo de construção dos CIEPs:

Nada há de mais simples, nem de mais econômico, nem de mais eficaz e acessível do que a educação com um bom professor devidamente capacitado e motivado. Ele é a única e insubstituível força educativa com que se pode contar. As facilidades audiovisuais, o rádio e a televisão podem ajudar, mas não substituir o professor (Ribeiro, 1986, p. 34).

Importante mencionar o contexto histórico do fazimento dos CIEPs, no declínio da ditadura civil-militar, que encontrava as pessoas ávidas pela participação, pela reconstrução da esfera pública, pelo direito de dizer a sua palavra e ser ouvido, em contraponto aos anos de silenciamento, medo e constrangimentos que afastaram e eliminaram do/no país, exatamente os homens e as mulheres comprometidos com uma educação universal, laica, pública, integral e de qualidade social.

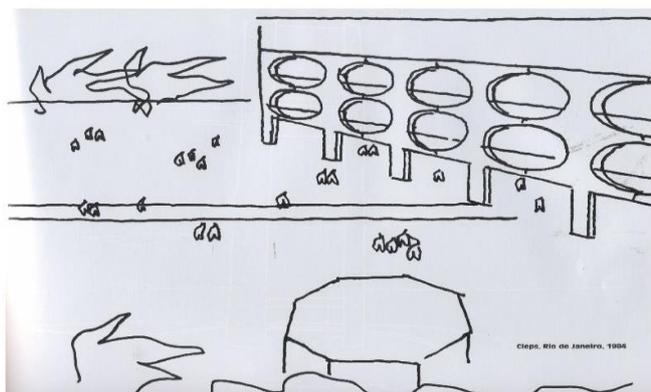
Uma das metas urgentes do PEE foi a expansão das escolas para atender à demanda populacional por educação, considerando-se que o caminhar dos direitos básicos no Brasil foi lento e manteve gerações inteiras alijadas dos processos educativos e do acesso ao conhecimento.

Nesse sentido, a criação dos CIEPs responde ao propósito da construção de escolas que oferecessem dia letivo completo, para garantir aos filhos da classe trabalhadora condições para processos qualificados de escolarização.

Chamados popularmente e, às vezes, jocosamente, de *Brizolões*, foram alvo de críticas contundentes as quais Darcy Ribeiro respondia, considerando o centro da polêmica: “o povo não tem direito de ter seus filhos estudando em escolas bonitas e funcionais, arejadas e eficientes? Há quem ache que não” (Ribeiro, 1986, p. 108).

Projetados pelos traços modernistas de Oscar Niemeyer, constituíram-se como grandes edificações que acolhiam os estudantes o dia inteiro, das 8h às 17h, articulando políticas educacionais, culturais e de saúde, em espaços dignos para bem viver os processos de escolarização. A escola projetada por Niemeyer tinha espaços amplos e diversos para atender demanda da época. Entretanto, seria um sonho se tivesse obras com a mesma estrutura espalhadas pelos país inteiro. Como podemos ver o projeto inicial e a obra concretizada nas imagens abaixo.

**IMAGEM 1-** Planta dos CIEPs.



Fonte: Fundação Oscar Niemeyer, 1984.

**IMAGEM 2-** CIEP Nelson Rodrigues.

Fonte: Wikipédia, 2011<sup>4</sup>.

Foram projetados e construídos 500 CIEPs, distribuídos territorialmente, conforme Ribeiro (1986, p. 45): 134 na cidade do Rio, 87 em Nova Iguaçu, 44 em São Gonçalo, 45 em Duque de Caxias, 27 em São João de Meriti e os outros espalhados por todo estado do Rio de Janeiro. Uma obra de grande magnitude educacional, que poderia ter sido ampliada para todo Brasil, com um padrão de educação pública digna para toda população, sem distinção de classe social, de raça, etnia ou de localização de moradia, considerando-se também as profundas dificuldades que as populações do campo ainda vivenciam na sua trajetória escolar.

Para que todas essas escolas fossem construídas, Oscar Niemeyer usou de sua sabedoria arquitetônica e conciliou no projeto condições de uma escola de qualidade, bonita aos olhos, mais barata e rápida em relação a outras construções. Utilizando concreto pré-moldado, as escolas foram construídas em quatro meses. Além disso, foi lançada a campanha *mãos à obra nas escolas*, que recuperou cerca de 2.294 escolas da rede estadual e 447 municipais, especialmente os prédios com valor arquitetônico e artístico.

Através dos CIEPs, se buscava “criar uma escola pública honesta, porque adaptada às condições e às necessidades do alunado popular” (Ribeiro, 1986, p. 17).

---

<sup>4</sup> Disponível no site: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:2011-06-12\\_CIEP\\_Brizol%C3%A3o\\_172\\_N%C3%A9lson\\_Rodrigues.JPG](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:2011-06-12_CIEP_Brizol%C3%A3o_172_N%C3%A9lson_Rodrigues.JPG). Acesso em: 09 out. 2024.

### 3 Estudantes e professores/as na centralidade dos CIEPs

Os CIEPs foram projetados para compreender as necessidades das crianças oriundas das camadas populares e, a amplitude curricular de sua proposta, como política pedagógica, abarcava todas as áreas do conhecimento escolar, incluindo a abertura para atividades culturais, esportes, ginástica, lazer e recreação, abrangendo quatro refeições diárias e banho, contando ainda com um centro médico oferecendo atendimento odontológico, oftalmológico e clínico, funcionando manhã, tarde e noite, em atendimento escolar de dia completo, para todos que frequentavam a escola:

Darcy Ribeiro considerava que um fator importante para o baixo rendimento da escola brasileira residia na exiguidade do tempo de atendimento. Para ele, a criança das classes abonadas que têm em casa quem estude com ela algumas horas extras, enfrenta com facilidade esse regime escolar em que quase não se dá aula. Ele só penaliza, de fato, a criança pobre oriunda de meios desassistidos, porque ela só conta com a escola para adquirir o conhecimento formal. Só uma escola de tempo integral pode tirar a infância brasileira, proveniente das famílias de baixa renda, do abandono das ruas ou de situações de falta de assistência em lares onde seus pais não podem estar, levando as crianças das classes populares a terem sua infância suprimida, assumindo funções de adultos (Velloso, 2021, p. 8).

O governo Brizola priorizou a educação, cuidando da estrutura das escolas, da formação dos professores, da valorização do magistério, da alimentação e do transporte escolar, oferecendo condições honestas para o conjunto dos estudantes, escancarando a realidade da escola brasileira:

Nossa Escola Pública está voltada para uma criança ideal, uma criança que não tem de lutar cada dia para sobreviver, uma criança bem alimentada, que fala a língua da escola, é hábil no uso do lápis e na interpretação dos símbolos gráficos e é, em casa, estimulada pelos pais através de todos os prêmios e gratificações (Ribeiro, 1986, p. 33).

Essa criança ideal e idealizada na romantização pedagógica ou nas maquinações do mercado educacional não existe, porque não corresponde as crianças das classes populares, que são a maioria.

Darcy Ribeiro entendia que não são os estudantes que devem se adaptar à escola ou a esse ideal criado por ela, mas que a escola deve conhecê-los para, interagindo com eles, garantir seus direitos cidadãos.

Nossas crianças sobrevivem no dia a dia, com faltas, ausências e mazelas de todos os tipos e a proposta dos CIEPs apontava para uma escola pensada e repensada para acolher, educar, alimentar, humanizar, mostrar que um futuro diferente e melhor é possível:

O CIEP inaugura uma nova etapa na história da educação de base em nosso país: aquela em que os direitos das crianças começam a ser efetivamente respeitados, mediante a oferta de um programa educacional integrado, capaz de realmente mobilizar para a aprendizagem o potencial dos alunos (Ribeiro, 1996, p. 47).

Na compreensão da complexidade do que acontece no interior da escola, as reflexões que originaram e sustentaram os CIEPs foram originais, inclusive ao explicitarem que os professores, no sistema educacional brasileiro, são tão vítimas quanto os estudantes, pois não percebem, mas contribuem para a perpetuação de um sistema que classifica e peneira os melhores para seguir, excluindo a maioria.

Sobrecarregados, mal remunerados, trabalhando em duplas ou triplas jornadas para conseguir sobreviver, seguem o que lhes é imposto pela gestão das escolas. E, recorrentemente, são apontados como culpados pelos resultados insatisfatórios, “sacrificados por duas décadas de autoritarismo, eles se debatiam entre a apatia ou descrença, recebendo salários incompatíveis com a dignidade de sua função social” (Ribeiro, 1986, p. 27).

Darcy apontava a necessidade de que os professores estejam motivados, bem remunerados, conscientes, que sejam críticos do sistema educacional e que disponham dos materiais didáticos adequados para que a escola caminhe em direção à mudança, “as reivindicações começam a ser atendidas: salários são melhorados, distorções são corrigidas e o diálogo entre governo e educadores é reativado” (Ribeiro, 1986, p. 27).

A partir desta base, os CIEPs constituíram uma proposta diferenciada de escola e com um olhar especial para a fase da alfabetização e para o quinto ano do Ensino Fundamental, uma vez que nessas séries havia, como ainda há, maiores índices de retenção/reprovação.

Afirmando a concepção de que aprender é muito mais do que decorar e decifrar códigos e que implica compreender a inteireza do ser em todos os seus sentidos, Darcy afirmava que “o objetivo principal de uma escola que se pretende democrática é que cada aluno conquiste sua liberdade” (1986, p. 64).

Para Darcy Ribeiro:

A única solução possível para esse gravíssimo problema social e nacional é melhorar a qualidade das escolas que temos; é ajudar o professorado a realizar com mais eficácia a sua tarefa educativa; é socorrer as crianças para que

frequentem as escolas, mas lá aprendam; é, ainda, chamar de volta às aulas os jovens insuficientemente instruídos para lhes dar, pelo menos, um domínio da leitura, da escrita e do cálculo que os salve da marginalidade (1986, p. 52).

Nesse sentido, os CIEPs também buscaram resgatar os jovens evadidos do sistema educacional, oferecendo uma oportunidade no turno da noite.

Inspirada na proposta realizada por Paulo Freire na década de 60, no nordeste brasileiro, que em seguida foi ampliada, através do Programa Nacional de Alfabetização (PNA), e interrompida em 1964, a proposta dos CIEPs contextualizava os processos educativos com o cotidiano dos jovens, a fim de que aprendessem de maneira significativa e conseguissem alfabetizar-se, com vistas a sua emancipação:

O Programa de Educação Juvenil encerra, neste âmbito, o papel social legítimo que tem sido historicamente negado à escola. O ensino de Cidadania, em particular, pretende que o aluno se reestruture como um ser humano capaz de se expressar, de se descobrir como pessoa que pode atuar na realidade que o cerca, modificando-a pelo esforço solidário e organizado, além de fazer valer seus direitos civis, exercendo-os o mais plenamente possível (Ribeiro, 1986, p. 80).

A pobreza em que vivia grande parte dos estudantes trazia a preocupação com a alimentação como aspecto estrutural nos CIEPs, pois era clara a compreensão de que criança famélica e desnutrida não aprende. Por isso, quatro refeições completas eram garantidas ao longo do dia para os estudantes, preparadas a partir das orientações de nutricionistas responsáveis, observando as necessidades nutricionais de cada comunidade atendida.

Além disso, para complementar a alimentação dos estudantes havia a distribuição de leite aos finais de semana e feriados, “a assistência alimentar, nos CIEPs, integra-se às demais atividades de Atenção Primária em Saúde, procurando incorporar às refeições diárias das crianças, alimentos de alto valor nutritivo” (Ribeiro, 1986, p. 120).

Outro projeto, digno de nota, contemplava os *alunos-residentes* para atender crianças e adolescentes, abandonados por suas famílias, e que viviam, na maioria dos casos, pelas ruas. Alguns CIEPs contavam com unidades de moradia que atendiam estes meninos e meninas, acolhendo, permitindo a reconstrução de laços de afeto, com *casais-residentes*, funcionários do estado, selecionados, designados e preparados para este fim.

O número máximo de estudantes, nestas unidades, era de 24, sendo que cada grupo de 12 era cuidado por um casal-residente, ou pais/mães sociais. Tal proposição não era considerada como a solução definitiva para situações graves e degradantes, vividas por inúmeras crianças e adolescentes no estado do RJ e sobretudo na cidade do Rio, mas dava condições para que essas

crianças e adolescentes se sentissem acolhidos, tivessem um lugar para morar, fazer suas refeições e aprender:

O projeto de Alunos-Residentes não representa uma forma de internato. A ideia é que a permanência das crianças nas residências dos CIEPs seja temporária, fundamentando-se no posicionamento técnico de que esta assistência constitui recurso extremo, que, uma vez adotado, implica necessariamente um trabalho junto aos responsáveis pela criança visando seu retorno ao núcleo familiar tão logo seja viável (Ribeiro, 1986, p. 130).

Um olhar especial foi dedicado à formação dos professores para atuar nos CIEPs, para que compreendessem o contexto de cada comunidade na qual a escola estava inserida, considerando seu processo formativo a partir de sete eixos:

**IMAGEM 3** - Os sete eixos formativos do CIEPs.



Fonte: Figura elaborada pelas autoras (2024).

De acordo com o Livro dos CIEPs (Ribeiro, 1986): a **vontade política** envolve a compreensão de quem está no governo de oportunizar as camadas mais pobres a oportunidade de uma educação de qualidade; **gestão e decisão na (pela) escola** compreende que não há relação de poder dentro da escola e que em uma gestão democrática todos decidem juntos; **cultura** no sentido de valorizar a cultura trazida pelo estudante; **essencialização dos conteúdos** significa ensinar o que é realmente importante e que faça sentido para os estudantes,

estabelecendo relações teóricas e práticas; **unificação dos conteúdos e métodos de ensino** possibilitando que cada professor tenha o domínio do conteúdo e do ‘como ensinar’; **interdisciplinaridade** relacionando os conteúdos e sua interligação de saberes; e **avaliação** como uma ferramenta para ter um diagnóstico do que os estudantes aprenderam ou do que ainda precisam aprender.

A formação continuada/permanente do magistério em exercício e de novos ingressantes era considerada pilar estrutural para o possível êxito do projeto dos CIEPs, garantindo-se os meios em termos de tempo para este fim e de produção de material didático/pedagógico de apoio. Como a demanda por formação era muito grande, o processo era realizado a partir da premissa da multiplicação: um docente da escola participava e partilhava com seus colegas o que aprendeu.

Apontando o papel dos professores, Darcy destacava que:

a execução das metas do PEE depende, essencialmente, da participação interessada dos professores, sem imposições de cima para baixo (...) Dos professores espera-se que sejam capazes de evoluir profissionalmente para ir ao encontro da proposta de construção de uma escola pública digna (...) (Ribeiro, 1986, p. 38).

#### **4 A amplitude e as vivências curriculares**

A biblioteca sempre esteve presente nos projetos arquitetônicos dos CIEPs, incentivando o hábito da leitura nos alunos e constituindo mais um espaço para ser aproveitado por todos os/as estudantes, inclusive pelos professores/as. Segundo Darcy, “longe de constituir mero depósito de livros, a Biblioteca é um centro ativo de aprendizagem” (Ribeiro, 1986, p. 125).

O aparelho de televisão, importante meio de comunicação na época, também era utilizado nos momentos de lazer dos estudantes e para reproduzir programas didáticos, a partir de circuitos fechados.

Os esportes e as atividades físicas estiveram presentes na proposta dos CIEPs. Toda escola tinha um ginásio coberto, com arquibancadas, onde além da utilização para a prática de Educação Física poderia ocorrer shows, jogos e integração com a comunidade pois compreendia-se que “a integração das atividades físicas ao processo de aprendizagem escolar agiliza o desenvolvimento do aluno, e dá à criança mais uma forma de envolvimento com seus objetos de estudo, o que resulta em melhor aproveitamento escolar” (Ribeiro, 1986, p. 129).

A integração entre educação escolar e cultura também marcou os CIEPs apontando para o estreitamento de laços com a vida comunitária, existente no entorno da escola, e para o compromisso com uma *educação coletiva*, prevendo a indissociabilidade das manifestações culturais e artísticas que se desenvolvem no interior das próprias comunidades.

Neste sentido, a animação cultural tinha significativa relevância no projeto dos CIEPs, pois “o trabalho de ativação cultural cria uma ponte de mão dupla entre a escola e a vida comunitária” (Ribeiro, 1986, p. 133).

Além disso, a perspectiva de articulação da educação escolar com espaços significativos da cultura materializou, no CIEP de Ipanema, o Centro Infantil de Cultura que recebia, cotidianamente, 1000 crianças, em instalações que contemplavam Centro de Música e Dança, Escola de Arte, Biblioteca Audiovisual, Teatro, Anfiteatro, curso de recreação, área de jogos, instalação para lazer e hall de exposições (Ribeiro, 1986, p. 89).

A abordagem das disciplinas, nas diferentes áreas de conhecimento, deveria dialogar, nos CIEPs, com a expansão do horizonte de saberes e vivências proporcionadas pelo alargamento dos tempos, dos espaços e das oportunidades educativas, convocando uma postura ativa dos estudantes, em contraposição ao arcaísmo silenciador, ainda presente em nossas escolas. “Uma das preocupações constantes deve ser o aproveitamento das situações vividas pelos alunos e um estímulo ao “agir”, de preferência a simplesmente “ouvir” e “repetir” (Ribeiro, 1986, p. 68).

Darcy afirmava que “depois de 3 a 4 anos de estudos, sem aprender quase nada, as crianças pobres levam consigo, pela vida afora, a humilhação do seu fracasso” (Ribeiro, 1986, p. 32). Assim os alunos oriundos das classes menos favorecidas passam a acreditar ser menos dotados de inteligência, quando na verdade são excluídos das oportunidades. Para ele, a tarefa da nossa escola pública é,

educar as crianças brasileiras, tal qual elas são, a partir da situação real a que se encontram. Isto significa sobretudo que nossa escola deve adaptar-se à criança pobre com a consciência de que é a própria escola que fracassa quando não consegue educar a maioria de seus alunos (Ribeiro, 1986, p. 33).

A ousadia do conjunto da proposta dos CIEPs, como política pública, demonstrou vontade e decisão política para resolver os graves e, ainda, infelizmente, atuais problemas da educação básica brasileira, retomando as matrizes democráticas de outras experiências significativas e afirmando os processos participativos da comunidade escolar, a organicidade necessária entre educação, cultura e comunidade, as práticas intersetoriais, sem as quais não se pode avançar efetivamente nos processos de escolarização.

## 5 Considerações Finais

Numa democracia nenhuma obra supera a da educação. Haverá, talvez, outras aparentemente mais urgentes ou imediatas, mas estas mesmas pressupõem, se estivermos em uma democracia, a educação. Todas as demais funções do estado democrático pressupõem a educação. Somente esta não é consequência da democracia, mas a sua base, o seu fundamento, a condição mesma para sua existência (Teixeira, 1984).

**IMAGEM 4** - CIEPs antes e depois.



*Cieps em dois tempos: na alegria do auge do programa e depois de abandonados pelo estado*

Fonte: Jornal Daki (2016)<sup>5</sup>.

A frase de Anísio Teixeira, escolhida como epígrafe para as considerações finais das reflexões propostas por esse texto, contrapõe-se à imagem, exposta na sua sequência, publicada por um jornal local da cidade de São Gonçalo (RJ).

A descontinuidade dos grandes fazimentos educacionais, como foram os CIEPs, demonstra a própria fragilidade dos processos democráticos, que para sua manutenção e aperfeiçoamento, necessitam de políticas qualificadas, permanentes e universais de educação pública.

Os CIEPs foram, sem sombra de dúvida, uma obra audaciosa e de grande importância para a educação brasileira.

Darcy Ribeiro e Leonel Brizola compreendiam os meandros da sociedade brasileira e queriam oferecer uma educação digna e de qualidade para os filhos e filhas da classe

<sup>5</sup> Disponível no site: [jornaldaki.com.br/2016/06/08/cieps-abandonados-são-bofetada-na-cara-da-sociedade](http://jornaldaki.com.br/2016/06/08/cieps-abandonados-são-bofetada-na-cara-da-sociedade). Acesso em: 09 out. 2024.

trabalhadora, pois em suas palavras “a escola pública que temos e impomos à infância brasileira é uma violenta mistificação, que apenas simula ensinar” (Ribeiro, 2028, p. 139).

Colocando a educação como prioridade, Darcy e Leonel realizaram um feito inédito, construindo cerca de 500 escolas de dia letivo completo e currículo integral, com estrutura física primorosa, articuladas à cultura e às comunidades, com processos de participação e formação, oferecendo de modo intersetorial serviços de saúde, alimentação, esporte, qualificando e ressignificando o tempo educativo dos estudantes e dos professores/as.

Acreditamos como Darcy que “só uma escola nova, concebida com o compromisso de atender às condições objetivas em que se apresenta o alunado oriundo das classes menos favorecidas, educará o Brasil” (Ribeiro, 2018, p. 47).

É possível fazer educação democrática, atendendo com dignidade à população brasileira, considerando os alunos reais que temos, e isso está documentado no Livro dos CIEPs.

Retomar, atualmente, a perspectiva dos CIEPS, das Escolas Parque e dos Ginásios Vocacionais, em escolas de dia inteiro e currículo integral, espalhadas por nosso país, é um sonho a ser alimentado coletiva e cooperativamente, para que se torne possível e viável.

Para alimentar esse processo, o Livro dos CIEPs, deve ser revisitado, estudado e socializado.

Seria utopia?

Para Darcy “essa é a função da utopia, ordenar, concatenar as ações para fazer frente ao espontaneísmo fatalista e, sobretudo, para impedir que os oportunistas façam prevalecer propósitos mesquinhos” (Ribeiro, 2028, p. 111).

Darcy Ribeiro vive e vivem os CIEPs!

### Referências

FERREIRA, Jorge. *João Goulart: uma biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

RIBEIRO, Darcy. *O livro dos CIEPs*. Rio de Janeiro: Bloch, 1986.

RIBEIRO, Darcy. *Educação como prioridade*. Seleção e organização: Lúcia Velloso Maurício. São Paulo: Global, 2018.

SANT’ANNA, Rejane. Projeto alunos residentes: uma alternativa para a inclusão social através da formação socioeducativa nos CIEPs do Rio de Janeiro (RJ). In: MOLL, Jaqueline. *Caminhos da educação integral no Brasil: direitos a outros tempos e espaços educativos*. Porto Alegre: Penso, 2012. p. 464-476.

TEIXEIRA, Anísio. Educação e cultura na Constituição do Estado da Bahia. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 65, n. 151, p. 685-696, set./dez. 1984. Disponível em: <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/educacao5.html>. Acesso em: 09 out. 2024.

VELLOSO, Lúcia Maurício. *Contribuição do Centro Integrado de Educação Pública (CIEPs) para a democratização da escola pública brasileira*. Palestra proferida no Curso de extensão “Em defesa da escola: as pedagogias da educação pública na disputa pela democracia brasileira”, promovido pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul em parceria com o Observatório do Ensino Médio do Rio Grande do Sul, Observatório de Educação Profissional e Tecnológica e o Observatório de Educação Integral, Universidade Federal da Bahia, em 16 de agosto de 2021.